



UNIVERSIDADE FEDERAL PELOTAS
CENTRO LETRAS E COMUNICAÇÃO

MEMORIAL ACADÊMICO

Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas/2025

MEMORIAL ACADÊMICO

Apresentado à Universidade
Federal de Pelotas como parte
dos requisitos para a promoção
para Professora Titular da
instituição.

Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas/2025

Sumário

1) Introdução.....	04
2) O início: o difícil percurso para me tornar professora	06
2) O meio: retomando as rédeas rumo ao ofício de professora	12
3) A retrospectiva: atividades no ensino, na pesquisa e na extensão.....	15
4) O fim: descortinando novos passos.....	34
5) Referências.....	35

“O ofício de professor é exercido, ainda, em um tempo cíclico, quase camponês. O tempo deste é um ciclo em que tudo acaba, morre, desaparece, mas também é um tempo em que tudo volta, retorna, recomeça. Semeia-se, cuida-se, colhe-se, volta-se a semear, a cuidar, a colher. Depois da colheita chega o inverno (tempo de passividade, espera, como também de reparação e de preparação: das ferramentas, da terra, das forças) e depois do inverno a primavera volta e tudo recomeça. Cada temporada é a mesma e, ao mesmo tempo, outra (dependendo dos caprichos do clima e das contingências da vida). Uma colheita ruim é uma decepção, às vezes uma tragédia, mas você sempre pode esperar “tempos melhores”, e aí deve recomeçar.” (Larrosa, 2019, p.35)

Compreender o trabalho de professora como um ofício, em vez de uma profissão, de uma vocação ou de uma missão, tem sido bastante significativo para mim: um ofício que se faz com acertos, com erros, com paciência, com espera e com recomeços. Um ofício que se compara e se mescla com a vida. Assim, sem desvincular a minha trajetória como professora da minha trajetória de vida é que construí este memorial.

É especialmente relevante para mim poder descortinar minha trajetória, construindo um sentido para minha carreira docente, por meio de um memorial, pois o cerne de minhas pesquisas de toda uma vida tem como base o estudo de narrativas. Contar uma história de vida envolve concatenar fatos, ordenando-os em uma sequência temporal, a fim de produzir um sentido sobre quem se é em um determinado contexto. Todo esse processo de construção de sentido, momentâneo e situado, só é possível por meio da linguagem, essa prática de social que nos possibilita existirmos, significarmos e ressignificarmos o mundo e nós mesmos.

Pois bem, o exercício que fiz de significar, neste memorial, a minha carreira na Universidade Federal de Pelotas, está dividido em três partes: primeiramente, em “O início: o difícil percurso para me tornar professora”, resgato toda a jornada percorrida até conseguir enveredar pelo caminho da docência, pois foi um percurso, no meu entendimento, com alguns desvios e percalços.

Na segunda parte, “O meio: retomando as rédeas rumo ao ofício de professora”, rememoro a minha formação na pós-graduação, que me deu a base para e me oportunizou a carreira no magistério superior. Por fim, na última seção – A retrospectiva: atividades no ensino, na pesquisa e na extensão -, elenco as principais atividades desenvolvidas durante os 16 anos de atuação no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas.

1) O início: o difícil percurso para me tornar professora

Vamos, então, ao início de tudo: ao revisitar minhas memórias, não consigo me lembrar de querer ter sido outra coisa profissionalmente além de professora. Desde a tradicional brincadeira de escola na infância até aulas particulares para colegas e filhos/as de amigas de minha mãe, a docência foi se instalando suavemente na minha vida.

Como costuma acontecer, tive, na época de escola, professoras que me inspiraram. Lembro especialmente de duas: da professora Cybelle, de Português, na 8ª série do 1º grau e na 1ª série do antigo 2º grau. Com ela lemos grandes obras, como “O Auto da Compadecida”, e encenamos, para um evento da escola, em pleno período do fim da ditadura militar, o poema “O Operário em Construção”, de Vinícius de Moraes. Sempre gostei de ler, incentivada pelo meu pai – li “Memórias Póstumas de Brás Cubas” com 13 anos e fiquei embevecida -, mas o impacto das leituras que fazíamos guiadas e guiados pela professora Cybelle despertaram em mim a vontade de também, um dia, encantar as pessoas por meio das palavras.

Também a professora Raquel, de História, na mesma época, me cativava com as palavras, mas de um jeito diferente. Eu ficava absorta ouvindo-a falar sobre os movimentos históricos, contextualizando-os social e culturalmente. Para mim, não eram aulas, eram sessões de contação de histórias. No momento das provas, sempre discursivas, eu recontava as histórias que tinha ouvido e geralmente tirava dez – minhas notas em História eram mais altas até do que em Português.

Quando, aos 16 anos, me inscrevi no vestibular da Universidade de Brasília (UnB), cidade onde morava e onde me criei, a primeira opção foi Letras e a segunda História. Passei em Letras – como sempre achei que poderia ter sido uma boa professora de História, pretendo cursar a graduação em História quando me aposentar! – e me apaixonei pelo curso e pela Universidade. À época, as disciplinas de Literatura me encantavam, e pretendia seguir os estudos na área.

Cabe ressaltar que não só o curso de Letras me abriu um mundo de possibilidades em 1987, quando ingressei na UnB, mas a própria universidade pública. Ia para UnB cedo da manhã e saía à noitinha: aulas, palestras, cursos, estudos em grupo,

almoços no “bandejão”, participação no centro acadêmico de Letras (CALEL), DCE, manifestações políticas, teatro, dança, festas, namoro, tudo acontecia naquele ambiente diverso, plural e muito efervescente.

As lembranças que tenho da Universidade de Brasília me remetem a um tempo muito feliz e esperançoso. Fiz o vestibular em 1986 e ingressei no curso de Letras em 1987, ainda com 16 anos. Fiz 17 anos na Universidade, no início do ano letivo, na disciplina de “Produção Textual”, ministrada pela professora Lucília Helena do Carmo Garcez. Ela era uma apaixonada por Literatura, e tínhamos aulas magníficas com base em textos literários. Como houve uma greve muito longa logo após meu ingresso na Universidade, no dia 17 de agosto de 1987, dia da morte do poeta Carlos Drummond de Andrade, ainda estávamos no 1º semestre letivo, tínhamos aula com a professora Lucília, e ficamos, muito tristes pela morte do poeta, lendo poemas de Drummond a aula toda. Aulas memoráveis também foram as de “Teoria Literária”, com o professor Ronaldo de Mello e Souza, e “Literatura Portuguesa III” – em que estudamos Mario de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa -, com a professora Diana Bernardes. Poderia elencar aqui muitos/as professores/as mais; destaquei, todavia, os que me marcaram por sua competência ímpar e me serviram como exemplo a ser seguido.

A universidade pública, porém, não nos prepara só intelectualmente, ela nos possibilita ser e estar no mundo de maneira crítica. Como mencionei anteriormente, eu passava os meus dias inteiros na UnB, participando de muitas atividades além das aulas. Nosso ponto de encontro era o Centro Acadêmico: ali encontrávamos os veteranos, ficávamos sabendo das discussões políticas, das manifestações, das festas. Paulatinamente fui me integrando ao grupo, almoçávamos, estudávamos – e muito – juntos/as e nos organizávamos para ir ao Congresso Nacional se houvesse votação de alguma pauta importante. Ali, naquele ambiente, com 17 anos, fui me significando como alguém historicamente situada, entendendo com mais profundidade o contexto de abertura política que estávamos vivenciando.

Mas eis que a primeira de muitas rupturas que me obrigaram a redirecionar minhas velas, a me reconstruir e a recomeçar, aconteceu: no ano de 1988, uma mudança repentina de Brasília para Porto Alegre, decidida pela minha família, me obrigou a deixar para trás Universidade, amigas/os, namorado...Ao narrar esse fato, revisito um sentimento que hoje, sei, foi decisivo para a pessoa e a pesquisadora que me tornei, qual

seja, a sensação de que, ao perder as referências, tanto concretas quanto subjetivas de quem eu era, eu sempre poderia me reconstruir. Esse sentimento me traz à memória as palavras de minha crônica preferida de Rubem Braga (1984, p. 110), “A Viajante”:

Apenas quero que dentro de si mesma haja, na hora de partir, uma determinação austera e suave de não esperar muito; de não pedir à viagem alegrias muito maiores que a de alguns momentos. Como este, sempre maravilhoso, em que no bojo da noite, na poltrona de um avião ou de um trem, ou no convés de um navio, a gente sente que não está deixando apenas uma cidade, mas uma parte da vida, uma pequena multidão de caras e problemas e inquietações que pareciam eternos e fatais e, de repente, somem como a nuvem que fica para trás. Esse instante de libertação é a grande recompensa do vagabundo; só mais tarde ele sente que uma pessoa é feita de muitas almas, e que várias, dele, ficaram penando na cidade abandonada.

Sim, sou feita de muitas almas, constituída a partir das andanças que me tornaram quem sou. Naquele primeiro momento de ruptura, em que abandonei uma cidade que amava, a reconstrução foi dolorosa e difícil. Havia um pedaço de mim que era intangível e inalcançável para as pessoas com quem tive de conviver a partir dali, na nova cidade, Porto Alegre. Minhas muitas almas não se conectavam às das pessoas, e a construção de vínculos foi lenta.

Uma das coisas que mais dificultou minha conexão com o Rio Grande do Sul foi o preconceito que algumas pessoas demonstravam em relação ao resto do Brasil. Brasília é uma cidade onde há gente de todos os Estados brasileiros, e a convivência com o diferente sempre me foi “natural”. Ouvir frases como “os nordestinos são preguiçosos”; “o sul que sustenta esse país”; “lá só tem gente feia”; “são uns cabeças chatas preguiçosos”; “essa gente não quer trabalhar”, só para dar alguns exemplos, me deixava inicialmente com muita raiva. Hoje sei que isso diz respeito a um certo grupo de pessoas e que nem todo mundo no RS pensa dessa maneira – infelizmente esse grupo

parece ter ganhado voz, vez e um líder que os representa. Esse estranhamento inicial, entretanto, me acompanhou e se tornou o mote de minhas pesquisas futuras.

A mudança repentina para o Rio Grande do Sul me obrigou também a trocar de Universidade. Como não foi possível transferência para Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tive de finalizar minha graduação em uma instituição privada. Por mais que a instituição proporcionasse uma boa estrutura física e um currículo semelhante ao da UnB, faltavam os momentos de efervescência que a universidade pública oportuniza. Aqueles últimos anos de graduação foram tristes e desmotivadores. Não tive bons/as professores/as de Literatura, o que fez meu interesse se voltar às áreas de Linguística e de Educação, justamente por ter tido um professor e uma professora inspirador/a: Gilberto Scarton, de Sintaxe e de Linguística Textual – uma novidade naquela época; e Jocelyne da Cunha Bocchese, que foi minha professora e orientadora nos estágios supervisionados e que me ensinou a dar aulas. Até hoje, ao preparar aulas, lembro-me de seus ensinamentos.

Por mais que o recomeço em Porto Alegre estivesse sendo bastante difícil para uma jovem de 18 anos, precisava de alguma coisa que fizesse sentido naquele momento. Cito aqui Cecília Meireles, que me inspira com estes versos que ajudam a descrever o meu sentimento à época: “aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira”. Comecei, então, a aprender Alemão no Instituto Goethe e a participar, como voluntária, de uma associação internacional de intercâmbio cultural¹ (ICJA), dando aula de Português para estrangeiros, mesmo não estando ainda formada. Em virtude disso, em 1992, assim que me formei, passei um ano na Alemanha fazendo intercâmbio – por meio da instituição com a qual havia colaborado –, aperfeiçoando o idioma e desenvolvendo trabalho social.

Até hoje, sem titubear, costumo afirmar que uma das melhores experiências da minha vida foi ter morado e trabalhado na Alemanha com 22 anos de idade. Mais uma vez, e talvez de maneira mais aprofundada, tive de me reconstruir identitariamente,

¹ ICJA – Freiwilligenaustausch Weltweit (www.icja.de) é uma associação criada na Alemanha, no pós-guerra, que tem como objetivo o intercâmbio de jovens, que vivem por um período de um ano em outro país, fazendo trabalho social e convivendo com outra realidade sociocultural. A instituição foi fundada após a 2ª Guerra Mundial para, sobretudo, promover o entendimento entre os povos e tentar desconstruir preconceitos. No Brasil, a instituição tem sede em Porto Alegre e se chama Associação Brasileira de Intercâmbio Cultural/ABIC (<https://icye.org.br/>).

agora em outra língua! Mais um pedaço de mim foi sendo composto, mais uma fatia de mundo adicionada à minha existência, mais histórias sobre mim foram sendo tecidas e narradas.

Na Alemanha, trabalhei em um orfanato e depois em um Centro de Documentação sobre a América Latina. Morava em uma república com mais 5 pessoas, todas alemãs, e convivia com intercambistas de todo o mundo. Embora possa parecer clichê, e talvez seja, essa experiência consolidou em mim a certeza de que é possível e necessário conviver com as diferenças, mesmo com as dificuldades que isso acarreta, e que nossa visão de mundo é muito limitada. Somos sempre e definitivamente “os antípodas”².

De volta ao Brasil e precisando trabalhar, fui chamada em um concurso do Banco Brasil (BB) no qual havia sido aprovada ainda antes de ir à Alemanha. Em março de 1994, mudei-me para Três Passos, cidade com 20.000 habitantes, situada no noroeste do Rio Grande do Sul. De Berlim para Três Passos! De um trabalho social para um trabalho burocrático em um banco...Sim, conseguia me sustentar com 24 anos, mas e a professora, onde havia se perdido no caminho? “Em que espelho ficou perdida minha face”?

Trabalhei cinco anos no Banco do Brasil; as atividades burocráticas não tinham, definitivamente, nada a ver comigo. Sabia que não poderia exercer aquele tipo de atividade por muito tempo e fiz de tudo para sair o mais rápido possível!

Na empresa havia, naquela época, um projeto chamado BB Educar, de alfabetização de jovens e adultos, que foi o que me fez suportar os cinco anos. Para atuar no projeto, era necessário frequentar um curso de formação de alfabetizadores/as ministrado por professores/as universitários; fiz o curso e passei a atuar, primeiro como alfabetizadora, depois como instrutora.

² Do Inédito

E quando, morto de mesmice, te vier a nostalgia de climas e costumes exóticos, de jornais impressos em misteriosos caracteres, de curiosas bebidas, de roupas de estranho corte e colorido, lembra-te de que para alguém nós somos os antípodas: um remoto, inacreditável povo do outro lado da vida – uma gente que se fica olhando, olhando, pasmado...Nós, os antípodas, somos assim. (Mário Quintana)

Como alfabetizadora, trabalhei com duas turmas, em 1994 e 1995, na Escola Municipal de Ensino Fundamental São José, em Três Passos. A Escola cedia o espaço e dávamos aula para adultos da comunidade, a Vila Frei Olímpio, onde a Escola estava situada. Já como instrutora, viajávamos para vários Estados brasileiros oferecendo cursos de formação de alfabetizadores.

Nos cursos de “formação continuada” promovidos pelo Banco do Brasil aos/as instrutores/as do projeto, conheci uma professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Elisabete Otero, que notou meu olho brilhando pela docência, e me convidou para fazer uma disciplina como aluna especial. Uma outra mudança, que veio a significar muito minha trajetória!

2) O meio: retomando as rédeas rumo ao ofício de professora

Depois de dois anos como aluna especial – período no qual me afastei do BB por meio de uma licença interesse -, ingressei, no ano de 2000, no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS - mais especificamente, na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação. Fui contemplada com uma bolsa e finalmente pedi demissão do Banco do Brasil. Foram dois anos de intenso aprendizado e de uma satisfação imensa pela possibilidade de ter tido aulas magníficas com professoras e professores que são referência para mim: Rosa Maria Hessel Silveira (que me orientou no Mestrado e no Doutorado), Marisa Vorraber Costa, Alfredo Veiga-Neto, entre outras/os.

As disciplinas que cursei ainda como aluna especial no PPGEDU da UFRGS foram determinantes para uma mudança na minha compreensão sobre o modo como concebemos o mundo e nos inserimos nele. Estudar a virada linguística e cultural, com base no texto de Stuart Hall, “A centralidade da cultura”, nas aulas da professora Marisa Costa, e entender como funciona “A ordem do discurso”, de Michel Foucault, nas aulas da professora Rosa Hessel, só para citar dois textos seminais, foi fundamental para tudo que vim a pesquisar a partir dali.

Sob essa perspectiva, de entendermos como a linguagem constitui e nos constitui, desenvolvi minha Dissertação de Mestrado, intitulada “Aprendendo a ser gaúcho/a”. Interessava-me estudar como uma certa pedagogia do gauchismo concorre para a formação identitária de pessoas que se identificam como gaúchos/as. Obviamente essa problemática de pesquisa não “caiu do céu”: ela estava diretamente relacionada a um tema que me é muito caro até hoje, qual seja, como identidade e diferença se entrelaçam e como certos modos de ser, produzidos linguisticamente e culturalmente como “superiores”, provocam consequências que vão desde preconceitos até violência e aniquilação do outro, do diferente. Evidentemente, o interesse por esse tema surgiu das minhas experiências tanto de me mudar para o Rio Grande do Sul quanto de morar na Alemanha e depois em Três Passos.

Logo após o término do Mestrado, iniciei o Doutorado, dando continuidade à pesquisa iniciada no ME. Minha Tese de Doutorado, intitulada “A pedagogia do gauchismo – Uma análise a partir da diáspora gaúcha”, se debruça sobre migrantes gaúchos em Mato Grosso, a fim de entender como as identidades são forjadas em uma

situação de migração, e qual o papel da escola nesse processo. Acredito que as narrativas geradas durante minha estada em Tangará da Serra (MT)³, onde fiz a pesquisa, poderiam ser hoje revisitadas e analisadas sob a ótica do momento histórico que estamos vivendo, pois muitos dos discursos que nos assustam atualmente já se delineavam e apareciam de forma mais tímida e embrionária nas narrativas dos meus colaboradores.

Como não fui, em um primeiro momento, contemplada com bolsa no DO, comecei a lecionar Língua Portuguesa em duas escolas particulares de Porto Alegre, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio; também fui, nesse período, professora substituta na Faculdade de Educação da UFRGS, ministrando as disciplinas de “Educação e Linguagem” e “Educação e Literatura Infantil”. Finalizei o Doutorado, então com bolsa, no ano de 2006, e me candidatei a uma bolsa de pós-doutorado (PDJ) no CNPq. Meu desejo era já lecionar no ensino superior, mas não havia concurso e não consegui uma oportunidade de trabalho no ensino privado.

Sendo assim, contemplada com a bolsa de pós-doutorado de dois anos, desenvolvi uma pesquisa junto ao PPGEDU da UFRGS, sob a supervisão da profa. Dra. Rosa Hessel Silveira, professora a quem devo minha formação e que tanto me ensinou. Analisei, durante a pesquisa, como a pedagogia do gauchismo está presente e atua em livros didáticos do Ensino Fundamental e em livros de Literatura Infantil.

No ano de 2008 houve concursos nas IFES brasileiras, me inscrevi em dois, obtendo aprovação⁴: na Faculdade de Letras da UFPel e na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Foi uma escolha difícil, porque estava em jogo trabalhar em uma Faculdade de Letras ou em uma Faculdade de Educação, área em que tinha feito ME e DO. Além disso, gosto muito do Rio de Janeiro e do calor, mas quis ficar mais perto da minha família e optei pela UFPel. Ingressei na instituição em janeiro de 2009 e nunca me arrependi da minha escolha. Hoje acredito

³ Cabe meu agradecimento, sempre, à querida colega e amiga Maria Helena Rodrigues Paes, a Ninha, por ter me possibilitado a realização da pesquisa em Tangará da Serra e em Campo Novo do Parecis (MT).

⁴ Aqui cabe meu agradecimento à minha querida orientadora e professora Rosa Hessel, a quem devo a aprovação nos concursos: por todos os livros que me emprestou, pilhas de livros sobre cada ponto das provas; pelas dicas valiosas sobre como se portar em um concurso dessa natureza; pelas dicas imprescindíveis para preparar a aula da prova didática.

que o movimento que fiz no sentido de articular as duas áreas, Letras e Educação, foi muito profícuo para o desenvolvimento do meu ofício de formar professoras/es.

Durante os 16 anos de trabalho na Universidade, fui me constituindo professora e formadora de outros/as professores/as, consolidando uma parte crucial de minha identidade. O ofício de professora, retomando Larrosa (2019), exige a capacidade de lidar com o tempo de uma maneira quase artesanal, confiando nos processos, nos recomeços, nas frustrações e sobretudo na reinvenção. Nos meandros desse percurso, há erros e acertos, mas há, sobretudo, a satisfação por ter, de uma certa forma, perseguido a profissão docente e por, exercendo meu ofício, tentar tornar a docência atrativa para tantas jovens profissionais em formação.

A seguir, descrevo mais detalhadamente a minha atuação no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. Optei por elencar aquilo que considero mais significativo no que tange ao ensino, à pesquisa, à extensão universitária, e também minha incursão pela parte administrativa. Algumas atividades, como, por exemplo, as participações como ouvinte em eventos ou a lista de resumos publicadas em anais de congressos, são apenas mencionadas, e podem ser conferidas no Currículo Lattes enviado junto com este Memorial.

3) A retrospectiva: atividades no ensino, na pesquisa e na extensão

Nesses dezesseis anos de trabalho no Centro de Letras e Comunicação (CLC) – Faculdade de Letras, quando ingressei na UFPel em 2009 –, considero que o eixo mais importante da minha atuação está relacionado ao ensino na Graduação. Atuei em todos os cursos de licenciatura em Letras do CLC (Letras/Português e Literatura, curso noturno; Letras/Português e Alemão; Letras/Português e Espanhol; Letras/Português e Francês; Letras/Português e Inglês, cursos vespertinos), e nos cursos de Bacharelado (Redação e Revisão de Textos e Tradução – Espanhol e Inglês), ministrando as seguintes disciplinas:

Didática em Letras (disciplina elaborada por mim)

Ensino de Língua Portuguesa I

Ensino de Língua Portuguesa II

Estágio de Observação

Estágio de Intervenção Comunitária

Estágio de Regência

Estágio II

Estágio III

Estágio IV.

Leitura e Produção do Texto Acadêmico

Linguística Aplicada e Ensino de Língua Portuguesa

Produção da Leitura e da Escrita I

Produção da Leitura e da Escrita II

Teoria e Prática de Leitura

Também na graduação em Letras, coordenei o projeto de ensino “Produção de Textos com enfoque na reescritura” e orientei, nesse período, 127 alunas/os de estágio e 05 de iniciação científica, conforme currículo Lattes, em anexo.

No meu entendimento, as disciplinas da área do ensino são as mais significativas para a formação de um/a professor/a, o que, inclusive, justifica a opção de a minha formação em nível de Mestrado e Doutorado ter sido no campo da Educação. Apesar de ser uma tarefa árdua, seja pelo fato de os/as alunos/as chegarem à Universidade com cada vez mais lacunas na sua formação, seja pela falta de motivação de muitos/as para se tornarem docentes frente às condições adversas e à baixa remuneração que a carreira oferece, confesso que uma das coisas que mais me deixa feliz, satisfeita e realizada é poder acompanhar um/a estudante nos seus primeiros estágios e ouvi-lo/a dizer o quanto a experiência do estágio foi decisiva para mudar sua perspectiva e fazê-lo/la querer ser professor/a.

Nesse sentido, gostaria de destacar a minha experiência como regente das várias disciplinas de estágio e como orientadora dos estágios supervisionados. São disciplinas que exigem um envolvimento que às vezes chega à exaustão, pois o acompanhamento intenso e intensivo sem alcançar, em alguns casos, o objetivo desejado, causa certa frustração. Por outro lado - e esta é a experiência que quero destacar -, o sentimento de missão cumprida que surge quando um/a estagiário/a se supera e alcança êxito nos estágios, tornando-se um professor ou uma professora competente, faz com que eu ainda me mova com esperança nesse ofício. É uma satisfação quando vou observar estágio em alguma escola e me deparo com um/a ex-aluno/a lecionando lá. O reconhecimento do trabalho realizado às vezes se torna uma homenagem: fui professora homenageada da turma de Licenciatura em Letras Português/Inglês em 2010 e parainfina dos formandos do curso de Licenciatura e Letras Português e Literatura nos anos de 2012 e 2020.

Além de atuar no curso de Letras, também ministrei aulas de Leitura e Produção de Textos, Técnicas de Redação e Técnicas de Leitura e Produção de Textos nos seguintes cursos: Licenciatura em Matemática; Licenciatura em Geografia; Licenciatura em Dança; Licenciatura em Artes Visuais; Licenciatura em Teatro; Licenciatura em Pedagogia; Bacharelado em Design.

Periodicamente costumo ministrar as disciplinas de Leitura e Produção de Textos em outros cursos, sobretudo naqueles ligados às Artes. Acho muito importante

ter contato com alunos/as diversos, que têm outros objetivos e que me desafiam a adaptar a disciplina para atender às suas expectativas, mas sobretudo, me desafiam a me desacomodar e a me modificar frente às perspectivas que elas/eles trazem às aulas.

Embora o ensino em nível de graduação seja central na minha atuação docente, considero o ensino na pós-graduação igualmente importante. Integro o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) desde a sua criação, em 2010. Participei, aliás, do grupo de trabalho que elaborou a proposta para criação do novo curso. No PPGL ministrei as seguintes disciplinas:

Leituras Orientadas em Ensino e Aprendizagem de Línguas

Linguagem, Texto e Ensino

Seminário de Linha de Pesquisa em Ensino e Aprendizagem de Línguas

Seminário de Pesquisa em Estudos da Linguagem;

Tópicos Avançados em Linguagem e Educação

Tópicos Especiais em Aprendizagem de Línguas e Complexidade

Tópicos Especiais em Linguística Aplicada

Tópicos Especiais em Novas Perspectivas na Aprendizagem de Línguas.

Também ministrei a disciplina de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa na pós-graduação *lato sensu* da antiga Faculdade de Letras.

Minha trajetória no ensino, tanto de graduação quanto de pós-graduação, não pode ser dissociada da pesquisa, uma vez que, como é sabido, esses dois eixos se articulam de maneira inextricável. Retomo aqui Paulo Freire, que com a propriedade de sempre, nos lembra que

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago.

Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p. 32).

Nesses “que-fazer” ao longo desses anos, e na busca pela indagação e pela intervenção, coordeno o Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada e Análise de Narrativas, que reúne pesquisadoras e pesquisadores movidas/as pela inquietação. Durante esses anos de atuação na UFPel, coordeno e coordenei os seguintes projetos de pesquisa:

- 1) Linguagem e performatividade: a construção de subjetividades em ambientes formais e não formais de ensino (desde 2019).
- 2) Linguagem, gênero e poder em narrativas de professor@s e de alun@s (2017-2019).
- 3) Trilhando caminhos: narrativas de graduandos sobre a experiência de estudar (2016-2018).
- 4) Linguagem, narrativas e identidades no contexto de formação e de atuação de professores de línguas (2012-2015).
- 5) O texto oral formal e a ampliação da competência comunicativa: perspectivas e possibilidades no ensino de Língua Portuguesa (2009-2013).

Também integrei os seguintes projetos de pesquisa:

- 1) Percursos e representações da infância em livros para crianças - um estudo de obras e de leituras (2015-2018) – Projeto coordenado pela Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira (UFRGS).
- 2) Literatura infantil: um estudo sobre leituras de obras selecionadas com leitores de anos iniciais (2011-2015) - Projeto coordenado pela Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira (UFRGS).
- 3) Ensino de língua materna na escola: diferentes estratégias de leitura e produção de textos (2009-2012) – Projeto coordenado pela Profa. Dra. Cleide Inês Wittke (UFPel).

Quase todos os projetos acima listados têm em comum a perspectiva da virada linguística e performativa e se ocupam, cada um com suas especificidades, da formação de professoras/es. Alguns deles evidenciam mais questões ligadas a preconceitos, enquanto outros se debruçam sobre as diversas facetas do tornar-se professor/a, além daqueles que envolvem a leitura.

Ainda no que tange ao eixo da pesquisa, pude desenvolver, em 2015 e em 2023/2024, dois projetos de pesquisa em estágios de pós-doutorado: o primeiro, que abarcou o projeto “Trilhando caminhos: narrativas de graduandos sobre a experiência de estudar ‘longe de casa’”, foi desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPLA), sob supervisão do Prof. Dr. Luiz Paulo Moita Lopes.

Esse projeto teve por objetivo analisar, por meio das narrativas de estudantes que migraram para frequentar um curso superior em uma Universidade pública, de que maneira os/as alunos/as vivenciavam esta experiência de estudar “longe de casa” e como ela se apresentava, em seus aspectos positivos e negativos – buscando investigar se havia e como se configurava o preconceito relativo à origem geográfica. Tal pesquisa se configurou a partir da minha percepção, como professora, do número expressivo de estudantes que vinham de outros Estados brasileiros, bem distantes geograficamente, estudar em Pelotas, na UFPel. Com base em minha experiência pessoal, interessou-me aprofundar como sua vida na UFPel era afetada pela sua condição de migrante. Como resultado desse estágio pós-doutoral e dessa pesquisa foram publicados três artigos (números 8, 11 e 12), listados logo a seguir.

De março de 2023 a fevereiro de 2024 pude novamente me afastar para desenvolver o seguinte projeto de pós-doutorado: “Linguagem e performatividade: a construção de identidades e de subjetividades docentes em um contexto pós-pandemia”. A pesquisa foi realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PGLA) da Universidade de Brasília (UnB) e supervisionada pela Profa. Dra. Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade.

O projeto surgiu de minha inquietação e preocupação frente às dificuldades enfrentadas por alunas e alunos dos estágios supervisionados na retomada das aulas presenciais no contexto pós-pandemia e teve como objetivo entender como eles significavam, por meio de suas performances narrativas, a sua experiência de tornar-se

professor/a de línguas nesse contexto. A hipótese que guiou a pesquisa foi a de que diante de tantas dificuldades enfrentadas pelos/as universitários/as, era necessário ouvir suas narrativas de dor, a fim de desenvolver estratégias de formação que coadunassem com as possíveis identidades docentes que emergem permeadas pelo contexto de pós-pandemia. Vários aspectos foram elencados com base nas narrativas geradas para pesquisa, o que me fez ponderar a respeito do tempo pedagógico e da necessidade de desacelerarmos. A pesquisa acarretou uma mudança em minha prática docente, no sentido considerar, inspirada em Larrosa (2019), um tempo pedagógico mais artesanal. Tais considerações são aprofundadas em um artigo, em avaliação, intitulado “O tempo na formação docente na lógica (de)colonial: discussões a partir de narrativas de licenciandas em estágio supervisionado de línguas”, artigo em coautoria com a professora Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade.

Continuo a rememorar minha trajetória elencando os artigos publicados, individualmente ou em coautoria, em periódicos ou como capítulos de livros, resultado dos projetos de pesquisa citados anteriormente:

- 1) Villena, C. A. L.; Mozzilo, I.; Freitas, L. F. R. Revitalização linguística em comunidades multilíngues: o papel da família na manutenção das línguas indígenas. *Fórum Linguístico*, v. 21, 2024, p. 10681-10698.
- 2) Villena, C. A. L.; Mozzilo, I.; Freitas, L. F. R. Mujeres, familias y lenguas: transmisión intergeneracional de lenguas indígenas en la comunidad de torewa (Bolivia). *Caderno de Letras (UFPEL)*, 2024.
- 3) Freitas, L. F. R.; Martins, E. E. B.; Sena, J. Despensar a colonialidade. Desarticulações narrativas para ensaiar a crítica decolonial. *Linguagem & Ensino*, v. 25, p. 4-18, 2022.
- 4) Damasceno, V. D.; Freitas, L. F. R. As novas tecnologias e o estabelecimento de uma nova ordem de comunicação em sala de aula. *Caderno de Letras*, v. 40, p. 183-196, 2021.
- 5) Freitas, L. F. R. Linguagem, Narrativas e Subjetividades (Apresentação Dossiê Temático). *Caderno de Letras*, v. 40, p. 7-9, 2021.
- 6) Nunes, V. C.; Freitas, L. F. R. Estágio de docência no curso de graduação em Letras: reflexões sobre a linguística aplicada contemporânea e a prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa. *Fólio - Revista de Letras*, v. 12, p. 1435-1453, 2020.

- 7) Assumpção, I. L. G.; Vieira, M. F.; Freitas, L. F. R. Identidades e a didatização na formação de professores. *Fólio - Revista de Letras*, v. 12, p. 491-505, 2020.
- 8) Freitas, L. F. R.; Moita Lopes, L. P. Vivenciando a outridade: escalas, indexicalidade e performances narrativas de universitários migrantes. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 19, p. 147-172, 2019.
- 9) Silveira, R. M. H.; Freitas, L. F. R. Livros literários em sala de aula: possibilidades de leitura e conversa literária. *Signo* (UNISC. Online), v. 43, p. 32-43, 2018.
- 10) Freitas, L. F. R.; Velasques, M. T. Narrativas sobre tornar-se professor de línguas. In: Oliveira, L. S.; Boer, R. A. (Orgs.). *Professores(as) de línguas em uma perspectiva crítica: discursos, linguagens e identidades*. 1ed. São Paulo: Pontes, 2018. p. 153-171.
- 11) Freitas, L. F. R. Posicionamentos interacionais em pequenas histórias contadas por um universitário migrante - performances de masculinidade heterossexual. *Fórum Linguístico*, v. 14, p. 2116-2127, 2017.
- 12) Freitas, L. F. R.; Moita Lopes, L. P. Sobre feminismo, sobre racismo, sobre xenofobia, sobre tudo. Desequilíbrios narrativos em performances heterossexuais de um aluno migrante branco. *Calidoscópio*, v. 15, p. 305-216, 2017.
- 13) Freitas, L. F. R. "Há muito tempo atrás" - negociação de significados a partir de leitura compartilhada em sala de aula. In: Saraiva, K.; Guizzo, B. S. (Org.). *Educação em um Mundo em Tensão. Insurgências, transgressões, sujeições*. 1ed. Canoas RS: Editora da Ulbra, 2017, p. 65-78.
- 14) Freitas, L. F. R.; Correa, A. R. Linguagem e produção de saberes: uma análise do filme "A Onda". In: Camozzato, V. C.; Carvalho, R. S.; Andrade, P. D. (Orgs.). *Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade*. 1ed. Curitiba: Editora Appris, 2016, v. 1, p. 105-120.
- 15) Freitas, L. F. R.; Silveira, R. M. H. Meninas em jogos de meninos: um estudo de caso na Literatura Infantil brasileira. *Leitura. Teoria & Prática*, v. 32, p. 43-57, 2014.
- 16) Freitas, L. F. R. As pedagogias culturais e a constituição de identidades juvenis. *Textura* (Canoas), v. 1, p. 18-31, 2013.
- 17) Freitas, L. F. R. A construção de identidades regionais a partir de obras de Literatura Infantil. *Nonada: Letras em Revista*, v. 2, p. 1-12, 2013.
- 18) Freitas, L. F. R. Estudos Culturais e Ensino de Língua Portuguesa - articulações e perspectivas. In: Paes, M. H. R.; Silveira, R. M. H. (Org.). *Contribuições para o trabalho e formação docente: temas contemporâneos e sala de aula*. 1ed. Curitiba PR: CRV, 2013. p. 67-78

- 19) Freitas, L. F. R. Práticas identitárias e a construção das alteridades no contexto escolar. In: Ferreira, T. (Org.). *Identidades no contexto escolar*. 1ed. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2013. p. 11-25.
- 20) Freitas, L. F. R. Gêneros textuais e ensino: as relações entre oralidade e escrita. *Ensino em Re-Vista* (Online), v. 18, p. 81-92, 2011.
- 21) Freitas, L. F. R.; Correa, A. R. A Escola em Diáspora. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v. 2, p. 85-92, 2011.
- 22) Freitas, L. F. R.; Silveira, R. M. H. A pedagogia do gauchismo e seu currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v. 11, p. 187-197, 2011.
- 23) Freitas, L. F. R. Currículo cultural: o que ensinam os livros regionais sobre identidade. *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, p. 106-118, 2010.
- 24) Freitas, L. F. R. Histórias de fadas, de prendas e de gaudérios: a literatura infantil e a produção de identidades. In: Coenga, R. (Org.). *Leitura e Literatura Infanto-juvenil. Redes de sentido*. 1ed. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2010. p. 211-222.
- 25) Freitas, L. F. R. Lições de identidade presentes em livros didáticos de séries iniciais. *Educar em Revista*, v. 34, p. 201-213, 2009.
- 26) Freitas, L. F. R.; Silveira, R. M. H. Lições de gauchismo presentes em livros didáticos. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 1, p. 167/11-182, 2009.

Além disso, destaco a organização e/ou a publicação dos seguintes livros:

- 1) Freitas, L. F. R.; Mozzilo, I.; Rassier, L. W. (Orgs.). *Questões de identidade, tradução, línguas e culturas em contato*. 1. ed. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2016. 178p
- 2) Silveira, R. M. H.; Kirchof, E. R.; Kaercher, G.; Bonin, I.T. ; Dalla Zen, M.I. H.; Silveira, C. H. ; Ripoll, D.; Freitas, L. F. R. . *A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras*. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2012. v. 1. 296p

Também em decorrência dos projetos de pesquisa e da divulgação científica, participei de eventos, apresentando comunicações ou palestras:

- 1) Freitas, L. F. R.. Narrativas sobre a formação docente: os diferentes tempos de aprendizagem. 2024. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

- 2) Freitas, L. F. R.. A construção de identidades e de subjetividades docentes: tempos de aprendizagem nos estágios de língua portuguesa. 2024. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 3) Freitas, L. F. R.; Mastrella-de-Andrade, M. R. Tempos de aprendizagem na formação de professores de línguas. 2023. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 4) Freitas, L. F. R.. A força intersubjetiva da pesquisa narrativa. 2023. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 5) Freitas, L. F. R.. Ensino de línguas e decolonialidade - Práticas de resistir e (re)existir. 2023. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 6) Freitas, L. F. R.. Pesquisa narrativa na formação de professoras/es de línguas - percursos metodológicos na interface entre Linguística Aplicada e Educação. 2023. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 7) Freitas, L. F. R.; Mastrella-de-Andrade, M. R. Tempo e tempos na formação docente crítica: experiências no estágio de Português e Inglês. 2023. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 8) Freitas, L. F. R.; Mastrella-de-Andrade, M. R. A colonialidade do tempo na formação de professoras/es de línguas: uma discussão a partir de narrativas do estágio. 2023. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 9) Freitas, L. F. R.; Mastrella-de-Andrade, M. R. O tempo na formação docente: por uma insurgência à lógica temporal colonial. 2023. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 10) Freitas, L. F. R.. O papel das narrativas na formação de professoras/es de línguas e na pesquisa. 2023. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 11) Vieira, M. F.; Freitas, L. F. R. . Linguagem e intolerância: ecos ministeriais. 2020. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 12) Freitas, L. F. R.. Gênero e poder em narrativas docentes. 2019. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 13) Freitas, L. F. R.. Performances narrativas de um aluno migrante: negociando significados na tentativa de desconstruir preconceitos. 2019. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 14) Freitas, L. F. R.; Damasceno, V. D. Performances narrativas de uma professora de língua inglesa e a construção de assimetrias de gênero em um ambiente de trabalho. 2019. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 15) Freitas, L. F. R.. Formação de professores e o PIBID. 2019. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

- 16) Freitas, L. F. R.. Migração universitária e preconceitos: performances narrativas de um aluno migrante. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 17) Freitas, L. F. R.; Moita Lopes, L. P. Scaling the fascist discourses of internal migration in narrative performances in Brazil. 2018. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 18) Freitas, L. F. R.. A negociação de significados sobre identidades regionais: modos de ser e de agir de três alunos migrantes em um mundo permeado por estereótipos e preconceitos. 2017. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 19) Freitas, L. F. R.. Performances narrativas de um aluno migrante - negociando significados sobre identidades regionais. 2017. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 20) Freitas, L. F. R.. Sisu e a migração universitária: performances narrativas de um universitário migrante. 2017. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 21) Freitas, L. F. R.; OURIQUE, J. L. P. Estágios supervisionados e docência: experiências nos cursos de licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pelotas. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 22) Freitas, L. F. R.; Silveira, R. M. H. . Performances narrativas de alunos de escolas públicas: produzindo significados sobre família. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 23) Freitas, L. F. R.. Há muito tempo atrás. Negociação de significados a partir de leitura compartilhada em sala de aula. 2015. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 24) Dias, M. S.; Freitas, L. F. R. . Negociações com o Passado - Um Estudo Transdisciplinar em Linguística Aplicada e Memória Social. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 25) Dias, M. S.; Freitas, L. F. R. . Diálogos entre Lembrar e Esquecer - A Performance da Memória de um Professor da Ditadura Militar no Brasil. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 26) Freitas, L. F. R.. Professores de línguas, narrativas e identidades. 2014. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 27) Freitas, L. F. R.; Velasques, M. T. Cultura, identidade e ensino de línguas: sendas e inter-relações (coordenação do Simpósio). 2014. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).
- 28) Freitas, L. F. R. Pedagogias do Gauchismo. 2014. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
- 29) Freitas, L. F. R.; Torres, M. C. A. R. Narrativas de si e memórias no processo de tornar-se professor. 2014. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

- 30) Freitas, L. F. R.. A pedagogia do gauchismo - As fronteiras epistemológicas. 2014. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 31) Dias, M. S.; Freitas, L. F. R. A Memória do Sonho de Ser Professor. 2014. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 32) Dias, M. S.; Freitas, L. F. R. . Fragmentos da Memória e a Perspectiva Transgressiva da Linguística Aplicada. 2014. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 33) Freitas, L. F. R.; Correa, A. R. Linguagem e produção de saberes: uma análise fílmica. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 34) Silveira, R. M. H. ; Freitas, L. F. R. . Leitura interativa em sala de aula - discutindo possibilidades e limites. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 35) Silveira, R. M. H. ; Freitas, L. F. R. . Promovendo leituras em sala de aula - um estudo com alunos brasileiros de anos iniciais. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 36) Freitas, L. F. R.. Narrativas e construção de identidades docentes: a escrita de si no processo de tornar-se professor/a. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 37) Freitas, L. F. R.. Formação de professores e constituição de identidades docentes. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 38) Freitas, L. F. R.; Bergmann, L. M.; Paes, M. H. R. Ensino, escola e currículo no contexto da pós-modernidade: o caso de comunidades indígenas e gaúchas em duas cidades de Mato Grosso. 2012. (Apresentação de Trabalho/Outra).
- 39) Freitas, L. F. R.. Pedagogias do Gauchismo. 2012. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
- 40) Freitas, L. F. R.; Silveira, R. M. H. . Meninas em jogos de meninos: um estudo de caso na Literatura Infantil brasileira. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 41) Freitas, L. F. R.; Rivas, M. I. Q. A construção de identidades docentes a partir da experiência de Estágio. 2011. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 42) Freitas, L. F. R.. Letramento e Ensino de Língua Portuguesa: o papel dos gêneros orais formais. 2011. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 43) Freitas, L. F. R.. A construção de identidades regionais a partir de obras de Literatura Infantil. 2011. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 44) Freitas, L. F. R.. Uma nova ordem comunicativa na sala de aula. 2011. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

- 45) Freitas, L. F. R.. A identidade gaúcha em peças publicitárias. 2011. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 46) Freitas, L. F. R.. A pedagogia do gauchismo em livros de Literatura Infantil. 2010. (Apresentação de Trabalho/Outra).
- 47) Freitas, L. F. R.. A pedagogia do oral: possibilidades a partir do texto oral formal. 2010. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 48) Freitas, L. F. R.. Pedagogias do gauchismo: experiências de trabalho com livros didáticos de séries iniciais. 2010. (Apresentação de Trabalho/Outra).
- 49) Freitas, L. F. R.. Discurso e constituição de identidades juvenis. 2010. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 50) Freitas, L. F. R.. Os discursos do gauchismo e a construção de uma identidade gaúcha. 2010. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 51) Freitas, L. F. R.. Articulações entre identidade cultural gaúcha e a Língua Portuguesa. 2010. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 52) Freitas, L. F. R.. A pedagogia do oral. 2010. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 53) Freitas, L. F. R.. Currículo cultural: o que ensinam os livros didáticos regionais sobre identidades? 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 54) Freitas, L. F. R.. Histórias de fadas, de prendas e de gaudérios - A Literatura Infantil e a produção de identidades. 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 55) Freitas, L. F. R.. Recorrências e rupturas no gênero discursivo entrevista: uma análise a partir do texto acadêmico. 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 56) Freitas, L. F. R.. O estágio supervisionado e a formação de profissionais pesquisadores. 2009. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

Considero a participação em eventos um momento muito significativo para uma pesquisadora, pois possibilita, além do conhecimento de outras pesquisas, a interlocução com colegas de outras Universidades. A participação em eventos acarretou a publicação de 20 artigos e de 49 resumos em anais. Listo a seguir os textos completos publicados; os resumos podem ser conferidos no currículo Lattes, em anexo.

- 1) Freitas, L. F. R.. A negociação de significados sobre identidades regionais: modos de ser e de agir de três alunos migrantes em um mundo permeado por estereótipos e preconceitos. In: 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e

4ºSeminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2017, Canoas RS. Anais do 7º Seminário Brasileiro/4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2017. p. 1-14.

2) Freitas, L. F. R.; Ourique, J. L. P. Estágios Supervisionados e Docência: experiências nos cursos de licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pelotas. In: IX Simpósio Nacional de Educação e III Colóquio Internacional de Políticas Educacionais e Formação de Professores, 2016, Frederico Westphalen (RS). Anais do IX Simpósio Nacional de Educação e III Colóquio Internacional de Políticas Educacionais e Formação de Professores, 2016. v. 1. p. 373-384.

3) Freitas, L. F. R.; Silveira, R. M. H. . Performances narrativas de alunos de escolas públicas: produzindo significados sobre família. In: XI Jogo do Livro e I Seminário Latino-Americano: Mediações de Leitura Literária, 2015, Belo Horizonte. Anais do XI Jogo do Livro e I Seminário Latino-Americano: Mediações de Leitura Literária, 2015. v. 2. p. 521-532.

4) Freitas, L. F. R.. Professores de línguas, narrativas e identidades. In: II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, 2014, Caxias do Sul. Anais do II SSeminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, 2014. v. 1. p. 1009-1017.

5) Freitas L. F. R.; TORRES, M. C. A. R. Narrativas de si e memórias no processo de tornar-se professor. In: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica CIPA, 2014, Rio de Janeiro. Anais do VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica CIPA, 2014. p. 1418-1425.

6) Freitas, L. F. R.; Correa, A. R. Linguagem e produção de saberes: uma análise fílmica. In: 5º Seminário Brasileiro/2º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2013, Canoas RS. Anais do 5º Seminário Brasileiro/2º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2013. v. 1. p. 1-14.

7) Silveira, R. M. H. ; Freitas, L. F. R. . Promovendo leituras em sala de aula - um estudo com alunos brasileiros de anos iniciais. In: XII Congresso Latinoamericano para el Desarrollo de la Lectura y la Escritura y IV Foro Iberoamericano de la Literacidad y Aprendizaje, 2013, Puebla, Pue., México. Memoria de Trabajos del XII Congresso Latinoamericano para el Desarrollo de la Lectura y la Escritura y IV Foro Iberoamericano de la Literacidad y Aprendizaje, 2013. p. 441-448.

8) Freitas, L. F. R.; Silveira, R. M. H. . Leitura interativa em sala de aula - discutindo possibilidades e limites. In: IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - IV SIMELP, 2013, Goiânia. Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2013. p. 2535-2542.

9) Freitas, L. F. R.. Formação de professores e constituição de identidades docentes. In: II Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, 2012, Uberlândia MG. Anais do SIELP, 2012. v. 02. p. 01-08.

- 10) Freitas, L. F. R.; Paes, M. H. R.; Bergmann, L. M. Ensino, Escola e Currículo no Contexto da Pós-Modernidade: o caso de comunidades indígenas e gaúchas em duas cidades de Mato Grosso. In: V Simpósio Internacional e VII Fórum Nacional de Educação, 2012, Torres RS. Anais do V Simpósio Internacional e VII Fórum Nacional de Educação, 2012. p. 1-16.
- 11) Freitas, L. F. R.; Velasques, M. T. As tensões entre identidade docente e identidade discente de professoras de Língua Inglesa em formação. In: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul CELSUL, 2012, Cascavel PR. Anais do CELSUL, 2012. v. 1. p. 1-12.
- 12) Freitas, L. F. R.; Rivas, M. I. Q. A construção de identidades docentes a partir da experiência de estágio. In: 4º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 1º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2011, Canoas RS. Anais do 4º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 1º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, 2011. v. 1. p. 1-14.
- 13) Freitas, L. F. R.; Velasques, M. T. Processos de formação identitária dos professores de LE (inglês): alguns caminhos. In: I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, 2011, Caxias do Sul RS. Anais do I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, 2011. p. 1-14.
- 14) Freitas, L. F. R.. Letramento e Ensino de Língua Portuguesa: o papel dos gêneros orais formais. In: VI Simpósio Internacional dos Gêneros Textuais - SIGET, 2011, Natal RN. Anais VI Simpósio Internacional dos Gêneros Textuais - SIGET, 2011. p. 1-14.
- 15) Freitas, L. F. R.. A pedagogia do gauchismo em livros de Literatura Infantil. In: XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino/XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte MG. Anais do XV ENDIPE, 2010. v. 1. p. 22-31.
- 16) Freitas, L. F. R.. Os discursos do gauchismo e a construção de uma identidade gaúcha. In: 9º Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul/CELSUL, 2010, Palhoça SC. 9º Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul/CELSUL, 2010. p. 1-10.
- 17) Freitas, L. F. R.. Discurso e constituição de identidades juvenis. In: Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso - SITED, 2010, Porto Alegre. Anais do Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso - SITED, 2010. v. 1. p. 288-295.
- 18) Freitas, L. F. R.. Currículo cultural: o que ensinam os livros didáticos regionais sobre identidades? In: V Seminário Internacional "As redes de conhecimento e a tecnologia: os outros como legítimo OUTRO", 2009, Rio de Janeiro. Anais V Seminário Internacional "As redes de conhecimento e a tecnologia: os outros como legítimo OUTRO", 2009. p. 1-16.

19) Freitas, L. F. R.. Recorrências e rupturas no gênero discursivo entrevista: uma análise a partir do texto acadêmico. In: V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - O ensino em foco, 2009, Caxias do Sul - RS. Anais ... SIGET, 2009. p. 1-17.

20) Freitas, L. F. R.. Histórias de fadas, de prendas e de gaudérios - A Literatura Infantil e a produção de identidades. In: 17º Congresso de Leitura do Brasil/COLE, 2009, Campinas SP. Anais do ... Congresso de Leitura do Brasil, 2009. p. 1-12.

O campo da pesquisa e do ensino, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação relaciona-se diretamente à orientação, significada sobretudo quando se pensa na formação de novas pesquisadoras e pesquisadores e de docentes que vão atuar no ensino básico e no ensino superior. Costumo ponderar, nas conversas com orientandas e orientandos, que não há formação específica que nos torne orientadoras/es: aprendemos nos “que-fazer”, na reflexão e na prática. Nesse sentido, o tornar-se orientador/a equivale ao que observa Paulo Freire sobre tornar-se um/a educador/a:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 1991, p. 58).

Assim, fui me tornando orientadora, na prática, e na reflexão sobre a prática, nesses 15 anos de atuação no PPGL. Tive, nesse “tornar-se orientadora”, o exemplo e a inspiração de minha brilhante orientadora de toda uma vida acadêmica, professora Rosa Hessel Silveira. Ela me ensinou a responsabilidade com o trabalho de pesquisa, a seriedade ao lidar com o financiamento público (fui bolsista no ME e em parte do DO), além – e principalmente - da generosidade ao compartilhar conhecimento, materiais, e dicas valiosas sobre como transitar no mundo acadêmico. Nesse âmbito, orientei então 03 monografias de Especialização, 13 Dissertações de Mestrado - contando coorientação - e 04 Teses de Doutorado:

Teses:

1) Thaís de Almeida Rochefort. EaD no ensino superior: a construção de identidades docentes. 2024.

2) Maicon Farias Vieira. Narrativas de Nèg: ecos de temas-encruzilhadas das vozes negras de migrantes docentes e de uma negro linguística aplicada. 2023.

3) Ieda Lourdes de Assumpção Tillmann. Didática e Identidades: corpos em movimento de licenciandos de um curso de Letras. 2020.

4) André Nogueira Alves. Entre o silenciamento naturalizado e o eco escolar da comunidade LGBTQ+: a emergência da existência/resistência do NUGED - IFSUL. 2019.

Dissertações:

1) Camila Alejandra Loayza Villena. Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku: as políticas linguísticas familiares no povo indígena Leco de Apolo, Bolívia. 2023.

Coorientadora: Letícia Fonseca Richthofen de Freitas.

Orientadora: Isabella Mozzillo

2) Valéria Castro Nunes. A constituição de subjetividades em meio a contextos discursivos normalizadores: ser, estar e existir como indivíduo neurodivergente. 2021.

3) Maurício Signorini Dias. Memórias sobre Tempos de Repressão em Performances Narrativas de Docentes. 2019.

4) Ana Paula Rego da Rocha. Com que roupa eu vou? A (re)construção de identidades docentes a partir de discursos referentes ao corpo e à vestimenta de docentes do gênero feminino. 2019.

5) Ana Paula Roesler Legg. A competência simbólica no processo de internacionalização da educação superior brasileira: fronteiras linguísticas e o idiomas sem fronteiras. 2019.

Coorientadora: Letícia Fonseca Richthofen de Freitas.

Orientador: Rafael Vetromille-Castro

6) Clarice Regina de Souza Cabral. A desconstrução do machismo pela linguagem: ordens de indexicalidade e outscaling motivados pelo movimento feminista no Facebook. 2018.

7) Thaís Rejes Marques. O "portuñol" no ir e vir dos sujeitos "fronterizos" de Aceguá BR/UY: línguas e identidades sob o viés de uma Linguística Aplicada Indisciplinar. 2018.

- 8) Aline de Lima Bazerque. Performances narrativas de minorias sociais nos novos letramentos digitais: empoderamento de LGBTQs no canal Muro Pequeno. 2017.
- 9) Arlézia de Souza. Narrativas docentes: construindo e reconstruindo histórias. 2015.
- 10) Bianca Alves Lehmann. As aulas de oratória: um espaço de formação e de construção identitária. 2015.
- 11) Miriam Saraiva Sandrini. Aluno, Professor e Pibidiano: identidades docentes construídas a partir de posicionamentos interacionais em performances narrativas. 2015.
- 12) Matheus Trindade Velasques. "Why is the book on the table" A construção identitária de professoras de Língua Inglesa. 2013.
- 13) Cláudia Raquel Lutz. As narrativas que circulam sobre o curso de Letras: memórias recontadas por quem deixou seu lar para estudar. 2013.

Monografia de Especialização:

- 1) Simone Xavier Moreira. De Princesa do Sul a Satolet - Construções discursivas. 2012.
- 2) Fabiana Fagundes Palla. Contrastes acerca do emprego do marcador "né" nos falares paulista e gaúcho. 2011.
- 3) Maria Inez Quevedo Rivas. Construção de identidades docentes. E há muitas histórias por contar.... 2011.

Atualmente, oriento 04 Teses de Doutorado:

- 1) Camila Alejandra Loayza Villena. Início: 2024.
- 2) Bruno da Silva Oliveira. Início:2024.
- 3) Vivian Correa. Início: 2023.
- 4) Viviane Peres de Jesus Lino. Em elaboração. Início: 2020.

Tenho um orgulho imenso ao saber que quase todos/as os/as meus/minhas orientandos/as de Especialização, Mestrado e Doutorado trabalham atualmente no ensino básico, tanto em instituições públicas quanto privadas, em Institutos Federais, e em Universidades.

As atividades que envolvem a pesquisa e a orientação englobam também a participação em bancas de avaliação de trabalhos. Assim, pude compor, nesse período, seja como presidente ou como avaliadora, 37 bancas de Mestrado, 14 de Doutorado, 8 bancas de qualificação de Doutorado, 31 de qualificação de Mestrado, além de 9 bancas de Especialização, conforme currículo Lattes, em anexo. Ademais, também integrei as bancas de seleção para ingresso de alunos/as do PPGL nos anos de 2012, 2013, 2014, 2018, 2021, 2024 e no ano de 2010 para o ingresso no curso de Especialização em Letras.

Embora minha atuação no campo do ensino e da pesquisa tenha sido, no meu entendimento, a espinha dorsal da minha carreira, também coordenei projetos de extensão que possibilitaram uma interlocução com a comunidade em geral. Nesse sentido, destaco os seguintes projetos de extensão:

- 1) Universo sul-riograndense: aspectos da literatura gaúcha contemporânea (2013).
- 2) Produção de textos acadêmicos orais e escritos (2011).
- 3) Curso de Capacitação de Servidores da UFPel em Leitura e Produção de Texto (2009; 2010; 2011; 2012; 2013).
- 4) Trabalho com a oralidade: vamos falar sobre isso? (2011).

Por fim, destaco as atribuições relativas à parte administrativa, participando de colegiados, de comissões, de bancas de seleção:

- 1) Coordenadora da área de Linguística e Ensino (2013 a 2015).
- 2) Membro do Colegiado da Câmara de Pesquisa (2017 e 2018).
- 3) Membro do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras (2013-2015; 2018-2019; 2021).
- 4) Membro do Colegiado da Especialização (2011-2013).
- 5) Membro do Colegiado da Câmara de Extensão (2016-2017).
- 6) Membro da Comissão de Bolsas do Programa de Pós-Graduação em Letras (2019-2021).

- 7) Membro da Comissão de Transição do Programa de Pós-Graduação em Letras (2018).
- 8) Membro da Comissão de Estágio Probatório do Centro de Letras e Comunicação/CLC (2018-2021).
- 9) Integrante da banca de seleção de bolsistas para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do CLC (2010).
- 10) Integrante da banca de seleção para professor substituto para área de Língua Alemã (2025).
- 11) Integrante da banca examinadora para professor efetivo na área de Linguística e Ensino (2022).
- 12) Integrante da banca de seleção para professor substituto de Língua Alemã e Linguística Aplicada e Ensino de Língua Alemã e Prática de Ensino (2011).
- 13) Integrante da banca de seleção para Professor Adjunto em Língua Portuguesa e Ensino de Língua (2010).
- 14) Integrante da banca examinadora para professor adjunto de Língua Portuguesa e Linguística (2010).
- 15) Integrante da banca de seleção para professor substituto de Língua Portuguesa, Linguística e Latim (2009).
- 16) Integrante da banca examinadora para reconhecimento de título de Mestrado (2016).

Embora eu nunca tenha me visto como sendo talhada para parte administrativa, entendo que a exigência para tais funções faz parte da carreira do magistério superior. Nesse sentido, sempre tentei desempenhar, da melhor maneira possível, as atividades que me foram designadas. Não acredito, no entanto, que todo mundo deva desempenhar com a mesma intensidade os eixos do ensino, da pesquisa e da extensão: cada pessoa, nas suas especificidades, deve concentrar seus esforços nas funções que lhe são mais caras e que, conseqüentemente, realiza melhor. Assim, conforme explicitarei desde o início, a docência e a pesquisa têm orientado a minha trajetória.

4) O fim: descortinando novos passos

Nunca consegui colocar títulos interessantes em textos, artigos, seções de artigos, etc. e não é agora, ao finalizar este memorial, que isso aconteceria. Não sei se finalizar é o termo adequado, pois vejo o panorama de uma jornada que não se encerra, muito pelo contrário.

Ao recapitular o que foi apresentado aqui, é-me impossível separar a minha jornada de vida da minha caminhada docente, e assim continuará sendo, vida e docência vão se entrelaçando e se costurando, ordenadamente, mas sempre levando em conta o imprevisível e o imponderável. Em conformidade com Bárcena (2021, p. 49), também entendo que no amor pelo ofício de professor, existe caminho e caráter, não método:

Amor pelo estudo, entendido como uma forma de vida e como uma forma que a vida toma, e amor pelo ofício de ser professor, de tratar de sê-lo e não saber como, pois não há método, mas caminho e um caráter. Um caminho que impõe uma marcha, uma regra, determinadas obrigações, alguns exercícios, determinadas maneiras de fazer e ser.

Sigo nesse caminho, construindo maneiras de ser e de fazer em consonância com princípios de inclusão, sem desprezar a consideração pelo saber – diverso e plural -, que é a “matéria de carpintaria” (Dourado, 1976), o instrumento base da docência. Ao reconstituir a minha caminhada até aqui, surpreendi-me ao rememorar certas experiências e ressignifiquei outras: “(...) o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar” (Saramago, 1991, p.168). Descortino aqui o tempo que ainda me espera, em que novos sentidos serão construídos e novas memórias, delineadas.

Referências

BÁRCENA, Fernando. Notícias do interior de uma sala de aula: desde um certo amor pelo estudo. In: LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen Christine; CUBAS, Caroline Jaques (orgs.). *Elogio do professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 47-80

BRAGA, Rubem. *A Borboleta Amarela*. 7ªed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

DOURADO, Autran. *Poética do Romance. Matéria de Carpintaria*. São Paulo: Difel, 1976.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê. Sobre o ofício de professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SARAMAGO, José. *O evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.